

---

## Editorial

---

Este número temático do Boletim GEPEM, “**Inclusão e Educação Matemática**”, nos brinda com uma coletânea de textos que reflete sobre a Educação Matemática Inclusiva em contextos diversificados. Discute-se sobre o ensino de matemática e a sua aprendizagem por diferentes aprendizes e espaços formativos; sobre os desafios e dilemas da formação do professor que ensina matemática de maneira inclusiva; sobre a importância do uso de aportes teóricos adequados; dentre outros temas altamente relevantes para a discussão e o avanço da pesquisa na área. Convidamos o leitor a conhecer melhor os textos que compõem esta edição, nas linhas abaixo, e na leitura de cada artigo.

As relações entre inteligência, matemática e inclusão são o tema do artigo de Edmar Reis Thiengo, Elcio Pasolini Milli e Isabelle Steffânia Carvalho de Campos Bueno que, utilizando-se de pressupostos teóricos de Vigostki, discutem as Altas Habilidades/Superdotação e a Deficiência Intelectual, pautados, em particular, no conceito de processos compensatórios.

A discalculia é o tema do artigo de Roberta D’Angela Menduni-Bortoloti, Jurema Lindote Botelho Peixoto e Talita Neves Silva, que apresentam a trajetória de elaboração de uma proposta de rastreio, no campo educacional, para identificar adolescentes com indícios desse transtorno de aprendizagem em matemática. As autoras discutem uma experiência de pesquisa colaborativa com professores do Atendimento Educacional Especializado e professores universitários.

O ensino e a aprendizagem de matemática por alunos com deficiência visual em escolas especializadas são discutidos no artigo de Fábio Garcia Bernardo, Claudia Segadas-Vianna e Paula Marcia Barbosa, que apresentam um breve histórico sobre o surgimento das primeiras escolas especializadas na educação de pessoas com deficiência visual. Além disso, os autores apresentam os resultados de entrevistas com dois professores de uma dessas escolas sobre sua dinâmica de trabalho para ensinar matemática para alunos com deficiência visual.

O próximo texto discute sobre o ensino de matemática para surdos. Edson Akira Yahata e Gisela Maria da Fonseca Pinto discorrem sobre algumas peculiaridades de estudantes surdos e questões importantes sobre o ensino de matemática para esse público. Além disso, trazem um paralelo sobre o ensino para surdos em ambientes inclusivos e bilíngues.

A educação matemática para estudantes autistas é o tema do artigo de Ana Gabriela Cardoso do Nascimento, Jéssica Maria Oliveira de Luna, Aginaldo da Conceição Esquinca e Renata Gilaberte Campos dos Santos, que apresentam uma revisão bibliográfica sobre o tema a partir de

trabalhos publicados entre 2007 e 2019, em língua portuguesa, com o objetivo de identificar os conteúdos matemáticos e recursos didáticos mais explorados nesses textos, além de mapear as produções a partir de sua frequência nos diferentes níveis de escolaridade.

A comunicação e a interação social da pessoa no espectro autista são o tema do artigo de Ana Cristina Soares Almendana Silveira, Silvia Teresinha Frizzarini e Claudete Cargin. As autoras trazem um ensaio sobre esse assunto à luz da semiótica, destacando a importância da diversificação de representações nas aulas de matemática, e valorizando a influência das relações histórico-culturais na perspectiva de Vygotsky.

O próximo artigo traz uma pesquisa documental com material disponibilizado pelo Ministério da Educação e a legislação brasileira, com o intuito de identificar propostas curriculares que considerem as diferenças existentes entre estudantes, em consonância com o paradigma da neurodiversidade. Elton de Andrade Viana e Ana Lúcia Manrique esclarecem que a neurodiversidade busca entender as diferenças por meio de uma ótica mais sociológica que clínica, e que essa perspectiva ressignifica a abordagem da temática do autismo, da discalculia e do TDAH, por exemplo.

Interpretando a Educação Matemática Inclusiva como encontros entre diferenças no âmbito da Educação Matemática, Guilherme Henrique Gomes da Silva discute possibilidades desses encontros em cursos superiores na área das ciências exatas, articulando ações afirmativas no ensino superior com a educação matemática, além de apontar caminhos para a ampliação das discussões nesse contexto.

Fabiane Guimarães Viera Marcondes e Priscila Coelho Lima problematizam a fala recorrente de professores em formação inicial e continuada: “não estamos preparados para lidar com a inclusão”, e o que parece ser uma busca por receitas de como se promover a inclusão. As autoras destacam o olhar para o outro e a empatia matemática como um caminho possível para a inclusão nas aulas de matemática.

A formação inicial do professor de matemática para atuação com estudantes com deficiência é o tema do artigo de Fábio Alexandre Borges, Márcia Cristina de Costa Trindade Cyrino e Clélia Maria Ignatius Nogueira. Os autores apresentam uma pesquisa documental realizada com projetos pedagógicos dos 20 cursos de licenciatura em matemática presenciais e públicos do Paraná, com o objetivo de apresentar a discutir a inclusão educacional de alunos com deficiência a partir desses documentos.

O próximo texto discorre sobre a construção de laboratórios de matemática inclusivos. Ana Maria Martensen Roland Kaleff apresenta os desafios para a construção de dois laboratórios, assim como as realizações logradas em quase três décadas. Destaca-se, nesses laboratórios, a presença de

recursos especialmente desenvolvidos para atender tanto a estudantes com deficiência visual, quanto a estudantes videntes.

A Educação do Campo no âmbito da Educação Inclusiva e da Educação Matemática também encontra espaço neste número. O artigo de Thiago Donda Rodrigues, Fernanda Malinosky Coelho da Rosa, Nilcéia Hellen Lacerda Dias e Fernando Helder Cassimiro traz um olhar diferenciado para a Educação Inclusiva, focado nas singularidades e desprendido de categorizações. O texto traz, ainda, a apresentação de duas pesquisas que articulam Educação do Campo e Educação Matemática Inclusiva em andamento no Mato Grosso do Sul.

Em seguida, Clélia Maria Ignatius Nogueira, Luiz Márcio Santos Farias e Nadjanara Ana Basso Morás apresentam alguns aportes da Didática da Matemática francesa como possibilidades de sustentação teórica para pesquisas em Educação Matemática Inclusiva, que busquem comprovar o potencial inclusivo de atividades para todos os alunos, não se restringindo aos estudantes com deficiência, como preconiza a ideia de Educação Inclusiva.

Para encerrar este número, Solange Hassan Ahmad Ali Fernandes e Lulu Healy nos questionam: “Educação Matemática, um bem comunitário?”. As autoras apresentam alguns aportes teóricos explorados nas pesquisas do programa Rumo à Educação Matemática Inclusiva, por mais de uma década, com aprendizes diferentemente eficientes. Além disso, discutem temas recorrentemente apresentados como “desafios a serem superados” em relação à inclusão de alunos público-alvo da Educação Especial: a normatização, as estruturas do sistema educacional, a hegemonia do simbólico e a interdependência.

Esperamos que os textos desse número temático possam convidá-lo a refletir sobre a importância de se promover a inclusão com equidade e justiça social para todas as pessoas. Que o olhar para o outro e a empatia, como discutem Fabiane Guimarães Viera Marcondes e Priscila Coelho Lima em seu texto, sejam norteadores de nossas práticas e pesquisas.

**Agnaldo Esquincalha**  
Universidade Federal do Rio de Janeiro